

BÍBLIA E LITERATURA: TRADIÇÃO E CONTEMPORANEIDADE EM DIÁLOGO NAS LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Cristhiano Aguiar*

 <https://orcid.org/0000-0003-4334-691X>

João Leonel**

 <https://orcid.org/0000-0003-3600-3695>

■ **A** presença da religião, da espiritualidade e da Bíblia na literatura ocidental é um fato incontestável. A já famosa afirmação de Northrop Frye (2004, p. 10), em seu início de docência, “Logo compreendi que um estudioso da literatura inglesa que não conheça a Bíblia não conseguirá entender o que se passa”, corrobora o postulado. As cenas do Gênesis e da *Odisseia* analisadas em paralelo por Erich Auerbach em *Mimesis* também testemunham tal relação¹. Harold Bloom (2011, p. 5), que lia e comentava a Bíblia enquanto literatura, julgava desnecessário o qualificativo diante da potência literária presente nos textos bíblicos.

Nas literaturas de língua portuguesa não tem sido diferente. É o caso da literatura brasileira, com uma sólida tradição de diálogo com a Bíblia. Antonio Candido (2009, p. 228) observa esse fato ao dizer que

Os escritores dos séculos XVI, XVII e XVIII [...] faziam poesia ou prosa devota, isto é, inspirada em Cristo, nos santos e dogmas da religião. Na passagem para o século XIX, nota-se interesse pelo Velho Testamento, [...]. Com o Romantismo, virão as partes poéticas e romanescas, o aspecto lendário [...].

No século XX, Adélia Prado (2015, p. 39) é incisiva ao definir a relação: “Por que tudo que invento já foi dito / nos dois livros que eu li: / as escrituras de Deus, / as escrituras de João. / Tudo é Bíblias. Tudo é Grande Sertão”.

* Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), São Paulo, SP, Brasil. E-mail: cristhiano.aguiar@mackenzie.br

** UPM, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: joao.ferreira@mackenzie.br

1 Cf. o Capítulo 1 “A cicatriz de Ulisses” em Auerbach (2011, p. 1-20).

Mais recentemente, a publicação em andamento de uma nova tradução da Bíblia para o português, por uma editora comercial, levada a efeito por Frederico Lourenço (2017, 2018, 2019), atesta sua importância para as Letras nacionais, e o surgimento de *Os Evangelhos: uma tradução*, feita por Marcelo Musa Cavallari (2020), consolida tal presença.

Eventos e publicações ocorridos recentemente testemunham, igualmente, a pujança da relação entre Bíblia, religiões e literatura em solo pátrio. Entre os eventos, podemos mencionar a consolidação do Simpósio Literatura e Religiosidade, no contexto dos congressos da Associação Brasileira de Literatura Comparada (Abralic), presente nas edições de 2018, 2019, 2020 e 2021; a existência e atuação do grupo de trabalho Literatura e Sagrado, junto à Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (Anpoll); e a realização neste ano do 1º Congresso Internacional Literatura e Religiosidades, que reuniu em sua organização pesquisadores de universidades nacionais e estrangeiras.

É de importância citar a existência de grupos de pesquisa em diversos programas de pós-graduação brasileiros que desenvolvem a temática. Número recente da *Teoliterária*, em comemoração aos dez anos da revista, traz um dossiê com artigos que apresentam, se não todos, os principais grupos que realizam pesquisas relacionadas à relação entre Bíblia, religiões e literatura. Como pode ser observado pela leitura dos artigos, os grupos e temáticas são diversos, procurando cobrir a complexa rede de possibilidades que o *corpus* estudado apresenta. A Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie participa dessa rede por meio do Núcleo de Estudos Bíblia e Literatura (Nebil), vinculado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

As publicações permitem que se reconheça como essa área de pesquisa tem se desenvolvido em contexto nacional. Apenas no ano passado, foram publicados cinco dossiês em revistas acadêmicas que, cada um a seu modo, contribuem para a ampliação e o aprofundamento do campo. São eles: “Literatura e espiritualidade”, no volume 53 da *Revista Cerrados* (Universidade de Brasília); “Reescrituras de Jesus”, volume 10, número 20 da *Teoliterária* (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo); “Literatura e religiosidade: entre alteridades e intertextualidades”, no volume 10, número 22 da *Teoliterária* (PUC-SP); “Religião e literaturas contemporâneas de língua portuguesa”, no volume 34, número 3 do periódico *Estudos de Religião* (Universidade Metodista de São Paulo); e “Religião, literatura e arte”, no volume 18 da *Revista Caminhos* (Pontifícia Universidade Católica de Goiás).

O cuidado com a escolha de referenciais teóricos é uma preocupação em qualquer pesquisa acadêmica, ainda mais, como é o caso, naquelas que unem grandezas complexas como a Bíblia, a espiritualidade e as religiões em relação com a literatura. Por conseguinte, determinados autores desempenham papel nuclear, sendo mencionados recorrentemente em artigos deste dossiê.

Entre eles, podemos citar Erich Auerbach e seu livro *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental* (2011), cujos dois primeiros capítulos, relacionando estudos clássicos com narrativas do Antigo e do Novo Testamento, tornaram-se não apenas modelo para tal construção, mas também estímulo para que estudiosos da literatura se voltassem para a Bíblia e estudiosos da Bíblia tomassem conhecimento e aplicassem teorias literárias em suas pesquisas. Northrop Frye (2021) é frequentemente citado em trabalhos sobre a relação entre Bíblia e literatura. Sua ênfase no diálogo entre elas e a percepção de estruturas

de sustentação presentes nas Escrituras e incorporadas em variadas formas na literatura mundial fazem dele um teórico de primeira grandeza. Da mesma forma, Robert Alter (2007) e Robert Alter e Frank Kermode (1997) abriram caminhos e avançaram a partir da concepção da Bíblia Hebraica como literatura, com proposições teóricas e, principalmente, com análises textuais que comprovaram suas teorias.

Relacionados aos estudos da materialidade, em suas variadas expressões, que encontram relevância em virtude, por um lado, da antiguidade dos suportes materiais de textos bíblicos e, por outro, da contemporaneidade de suportes de leitura, como telas de computador, *smartphones* etc., devem ser lembrados Roger Chartier (2011, 2014) e Gerard Genette (2009). Tais autores advertem-nos que lemos livros e o fazemos a partir de uma variedade de suportes, todos eles envolvidos em uma série de paratextos que procuram direcionar a compreensão dos leitores.

Cabe mencionar outros autores com contribuições significativas para o campo e presentes nos artigos do dossiê, como: Octavio Paz, Mikhail Bakhtin, Jack Miles, Micea Eliade, Antonio C. M. Magalhães, Aby Warburg, Georges Bataille, Harold Bloom, Harold Garfinkel, José Luiz Fiorin, Steven Roger Fischer, embora a lista não seja exaustiva.

Os artigos do dossiê foram divididos em dois blocos. O primeiro contém textos que apresentam análises literárias de porções e livros bíblicos, em uma perspectiva conhecida como “Bíblia como literatura”. Esses são seguidos por outros artigos, que constroem relações, em graus variados, entre a literatura e os textos bíblicos.

No artigo “Não há salvação para a humanidade: uma análise intertextual entre Gênesis 6-9 e o conto ‘Na arca’, de Machado de Assis”, Lucas Martins relaciona os dois textos identificando pontos de contato e oposições. Se o texto bíblico enfatiza o caráter salvador da arca, Machado, em seu conto, coloca em destaque a maldade humana. E o faz propondo que a maldade já se fazia presente no interior da arca, entre os membros da família de Noé. Como Martins indica, esse aspecto, embora pouco destacado na exegese bíblica, também se manifesta no texto bíblico, de modo que Machado, ao percebê-lo e expandi-lo, deixa de opor-se às interpretações religiosas, trabalhando em consonância com elas e aprofundando-as.

A presença do livro bíblico Cântico de Salomão na literatura ocidental, por meio da temática erótica, é o tema do artigo de Fábio Andrade: “O Cântico de Salomão e o erotismo: observações sobre imagem e sobrevivência”. Para ele, tal temática impactou profundamente a produção erótica do Ocidente. O texto se desenvolve utilizando o conceito de “sobrevivência”, de Aby Warburg, por meio de dois eixos: o caráter místico da experiência erótica e as metáforas pelas quais tal experiência se manifesta. Como exemplo da presença do livro bíblico na contemporaneidade, Andrade o relaciona com o romance *Avalovara*, de Osman Lins (1973), lembrando que sua ênfase comparativista não repousa no tradicional estudo da origem e influência das fontes, mas em “uma disposição constelar, capaz de reconstituir a imagem icônica fundamental”.

Cristhiano Aguiar e João Leonel, no artigo “Lázaro: realismo e ironia em João 11:1-55”, analisam um dos textos mais conhecidos e profundos dos evangelhos bíblicos. Em uma abordagem que privilegia a sincronia e a crítica literária, os autores discutem a presença e os efeitos do “realismo” e da “ironia” na narrativa.

Tendo como suportes teóricos Erich Auerbach (2021), Robert Alter (2007) e Harold Bloom (2012), por meio de uma análise sensível dos detalhes textuais, Aguiar e Leonel propõem que o realismo produz verossimilhança e aproximação ao caráter humano de Jesus, e a ironia, por sua vez, procura seduzir literariamente o leitor e enfatizar conteúdos teológicos do relato.

A Carta aos Hebreus, presente no Novo Testamento, é estudada por Edivaldo Ferreira de Arruda e Roberta Varginha Ramos Caiado no artigo “Princípios etno-metodológicos subjacentes ao artefato literário da Carta aos Hebreus”. O foco de análise recai principalmente no prólogo da carta (Hebreus 1:1-4). A abordagem se dá mediante princípios “etnometodológicos”, visando, segundo os autores, a “deprender os elementos de registro na situação social dos destinatários imediatos do texto, com vista à produção de sentido”. Edivaldo Arruda e Roberta Caiado concluem que “as reflexões cristãs amplificam-se na medida em que aspectos indiciários no texto indicam condições de ajustes de mundo às palavras”.

Certamente um dos livros bíblicos mais complexos e, por isso mesmo, com uma imensa fortuna crítica, o Apocalipse é analisado em perspectiva literária por Anderson de Oliveira Lima no artigo “O Apocalipse como literatura: o que é e o que há de vir na história da leitura bíblica”. Para tanto, o papel do narrador, as configurações das diversas micronarrativas e o impacto dessas e de outras estratégias literárias junto ao leitor tecem fios que permitem compreender o livro em seus movimentos estruturantes. Por fim, o autor reflete sobre a pluralidade de leituras do último livro da Bíblia, sem a pretensão de que a sua seja a melhor.

O segundo conjunto de artigos é marcado pelo estabelecimento das relações entre a Bíblia e diferentes manifestações literárias. O potencial desse campo de estudos se revela bastante promissor, haja vista a diversidade de abordagens temáticas, metodológicas e teóricas dos artigos escolhidos para publicação. O presente dossiê enfatiza a relação Bíblia e literatura em um contexto predominantemente lusófono, com o acréscimo de um artigo abordando a temática do nosso dossiê pelo viés da literatura alemã.

Reescrituras, apropriações, paráfrases, deslocamentos, paródias, homenagens, citações diretas e indiretas são alguns dos procedimentos identificados ao longo dos estudos aqui publicados. Lançando mão da filosofia, de teorias da linguagem, da historiografia e da crítica literária, os artigos propõem aprofundadas análises de seus objetos de estudo. Percebe-se a importância, nos artigos, de uma dupla preocupação: a ênfase na imanência do texto, por um lado, mas também uma especial atenção aos contextos sócio-históricos a partir dos quais nasce o diálogo, nas obras estudadas, da criação poético-ficcional com o imaginário bíblico/religioso.

Clarice Lispector, que tem chamado a atenção de estudiosos da relação entre Bíblia e literatura em nosso país, é a autora escolhida por Teresinha V. Zimbrão da Silva e Rosina Bezerra de Mello Santos Rocha no artigo “O diálogo bíblico em *A via crucis do corpo*”. Combinando o sofrimento de Jesus Cristo, experimentado em sua *via crucis* (ou sacra), com uma série de textos bíblicos, as autoras propõem que as estações da via dolorosa trilhada por Jesus dialogam com a experiência de Lispector ao escrever o livro e com o próprio conteúdo de seus contos.

Em “Dialogismos e reescrituras no conto ‘Mãe judia, 1964’, de Moacyr Scliar”, Julia Cristina Costa Dias e Weber Firmino Alves estudam a obra de um dos mais importantes nomes da literatura contemporânea brasileira, o gaúcho Moacyr Scliar. De origem judaica, Scliar é conhecido por escrever romances e contos

profundamente influenciados pelo judaísmo e pela Bíblia, sendo uma das suas obras mais famosas o romance *A mulher que escreveu a Bíblia*. Partindo das considerações de Bakhtin, Volóchinov e Genette, os autores analisam um texto menos comentado do escritor gaúcho, o conto “Mãe judia, 1964”, no qual referências bíblicas e teológicas são reatualizadas a partir da história contemporânea brasileira.

Clássico da prosa modernista brasileira e um dos maiores prosadores do século XX em língua portuguesa, o mineiro João Guimarães Rosa produziu um conjunto de obras bastante pesquisado pela academia brasileira. Suzi Sperber parte de um dos livros mais analisados do autor, *Sagarana*, buscando atualizar um dos importantes temas do campo de pesquisa rosiano: o da dimensão espiritual de sua ficção. Ao enfatizar o diálogo de *Sagarana* com a Bíblia, o artigo “Honestidade na assertividade de verdade em *Sagarana*” demonstra que ainda há veredas a serem percorridas não só no debate sobre o livro estudado, mas também sobre a literatura de Guimarães Rosa como um todo.

Destaque da novíssima prosa brasileira, o romance *Enterre seus mortos*, da escritora Ana Paula Maia, é estudado por Lilian Coelho no artigo “Compaixão e responsabilidade moral em *Enterre seus mortos*, de Ana Paula Maia”. Maia, nesse que é um dos seus melhores romances, constrói um mundo ficcional áspero, violento e desumanizador. Por outro lado, não obstante as adversidades, suas personagens vivem uma espiritualidade peculiar, idiossincrática, cujas nuances e contradições são analisadas pela autora, levando em conta dimensões intertextuais de *Enterre seus mortos* com a Bíblia.

Contemporânea é também a poesia do poeta português Daniel Faria, morto com apenas 28 anos de idade. Em prosa de tom ensaístico, Marcos Lopes propõe, no artigo “Quero a fome de calar-me (sobre a poesia de Daniel Faria)”, uma leitura dos poemas de Faria que é, também, uma especulação teórica sobre a natureza da poesia e da nossa capacidade de interpretá-la. Partindo de considerações teológicas, filosóficas e dos pressupostos de George Steiner, Giorgio Agamben e Paul Ricoeur, o autor aponta quanto uma reflexão teológica pode contribuir para o debate sobre literatura e sobre poesia, em especial. Com uma poesia de intenso lirismo e fundada em uma experiência de espiritualidade católica, Daniel Faria tem em “Quero a fome de calar-me (sobre a poesia de Daniel Faria)” uma porta de entrada aos interessados em conhecer melhor sua poética.

A relação entre a poesia trovadoresca de João Airas de Santiago e o livro bíblico de Eclesiastes é o foco do artigo “A poesia de João Airas de Santiago e a literatura bíblica sapiencial”, de Rafaela Silva e Carla Correia. Para além dos pontos de contato entre a produção do poeta e o Eclesiastes, as autoras enfatizam que a própria vida de João Airas se deixa conduzir por princípios de sabedoria presentes no livro bíblico. Não obstante os pontos de contato, Rafaela Silva e Carla Correia identificam uma divergência fundamental entre os textos do trovador e o Eclesiastes, que consiste nas considerações relativas à “figura da amiga”.

Os dois artigos seguintes também se situam no campo de estudos da literatura portuguesa. Ambos têm uma característica em comum: pensar as relações entre literatura, religiosidade cristã e texto bíblico em uma perspectiva diacrônica. No artigo “A natividade de Cristo na literatura portuguesa: textos e contextos”, Paula Almeida Mendes traça um fecundo panorama da contínua retomada de um dos temas fundamentais para o cristianismo, o da natividade de Cristo. São comentados textos, materializados em diferentes gêneros literários, de autoria

de Mestre André Dias, Cardeal D. Henrique, Diogo Bernardes, Baltasar Estaço, Fr. Agostinho da Cruz, Natália Correia, entre outros(as). Por conseguinte, Paula Mendes não se limita a apontar a recorrência da natividade nos textos estudados, e sim entender o diálogo da literatura portuguesa com a Bíblia como um momento de rica pluralidade criativa, na qual a literatura é um ponto de partida para a releitura e ressignificação da Bíblia.

“Da História à Bíblia: sobre o uso da historiografia como Bíblia no Portugal medieval”, de Mariana Leite, por outro lado, pesquisa a dimensão material da Bíblia na Idade Média portuguesa, focando as suas traduções e versões. Partindo de uma dificuldade historiográfica, a da ausência de vestígios materiais de traduções ou versões vernaculares da Bíblia feitas diretamente da *Vulgata*, a autora conclui que na Idade Média portuguesa a Bíblia se deu mais a conhecer em versões historiadas e menos em traduções diretas, sejam do texto original, sejam da própria *Vulgata*.

Encerrando o nosso dossiê, o artigo “José e seus irmãos em três dimensões: judaísmo, nazismo e impacto na teologia alemã”, de Antonio Carlos de Melo Magalhães, se propõe a estudar um dos mais importantes escritores de língua alemã: Thomas Mann. A partir da leitura da monumental obra *José e seus irmãos*, Magalhães torna visíveis as complexas tramas textuais do seu objeto de estudo, tramas essas compostas por elementos conceituais, históricos, judaicos e bíblicos. Partindo da hipótese de que o literário na Bíblia se caracterizaria pelas noções de “excesso” e “intensidade”, o artigo atualiza a presença bíblica na obra-prima de Mann.

Apresentados os artigos, os editores reconhecem, gratos aos autores, a relevância do material aqui disposto para o desenvolvimento dos estudos das relações entre Bíblia, espiritualidade e religiões e literatura e nutrem a expectativa de que este material seja útil aos leitores.

REFERÊNCIAS

- ALTER, R. *A arte da narrativa bíblica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- ALTER, R.; KERMODE, F. (org.). *Guia literário da Bíblia*. São Paulo: Unesp, 1997.
- AUERBACH, E. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- BLOOM, H. *The shadow of a great rock: a literary appreciation of the King James Bible*. New Haven; London: Yale University Press, 2011.
- CANDIDO, A. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos 1750-1880*. 12. ed. comemorativa. São Paulo: Fapesp; Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.
- CAVALLARI, M. M. *Os Evangelhos: uma tradução*. Edição bilíngue. São Paulo: Ateliê Editorial: Mnema, 2020.
- CHARTIER, R. *A mão do autor e a mente do editor*. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- CHARTIER, R. (org.). *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.
- FRYE, N. *O código dos códigos: a Bíblia e a literatura*. São Paulo: Boitempo, 2004.
- GENETTE, G. *Paratextos editoriais*. Cotia: Ateliê, 2009.
- LOURENÇO, F. *Bíblia: Novo Testamento: os quatro evangelhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

LOURENÇO, F. *Bíblia: Novo Testamento: Apóstolos, Epístolas, Apocalipse*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

LOURENÇO, F. *Bíblia: Antigo Testamento: os livros proféticos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

PRADO, A. *Poesia reunida*. Rio de Janeiro: Record, 2015.

TEOLITERÁRIA – REVISTA DE LITERATURAS E TEOLOGIAS. 10 anos de Teoliterária. São Paulo: PUC-SUP; Curitiba: PUC-PR, v. 11, n. 24, 2021. ISSN 2236-9937. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/teoliteraria/issue/view/2640/391>. Acesso em: 29 nov. 2021.